
CONSUMO RITUAL, CONSUMO

NO RITUAL: FESTINS

FUNERÁRIOS

E SAMBAQUIS*

DANIELA M. KLOKLER**

Resumo: *este artigo apresenta avanços recentes sobre a pesquisa arqueológica em festins, seus aspectos sociais e explora com maior detalhe a presença de evidências desses eventos em sambaquis. Utiliza-se como base informações contextuais e faunísticas recuperadas no sítio Jaboticabeira II que serviu como local para festins rituais em homenagem aos mortos. A análise dos depósitos ligados a esses eventos sugere a utilização de peixes como elemento principal dos festins. A construção desse sambaqui ocorreu simultaneamente e como resultado de rituais funerários repetidos por várias gerações.*

Palavras-chave: *Sambaquis. Festins. Ritual. Fauna*

O ato de comer supera a mera supressão da fome e seu estudo pode fornecer dados importantes sobre grupos humanos. Feijoada, lasanha, sushi, representam não só possíveis opções para a próxima refeição como também podem sugerir identidade nacional, proibições religiosas, preferências individuais baseadas na presença ou não de certos ingredientes, sabor, facilidade de preparação, custos de aquisição dos ingredientes, valor calórico, entre outros. Durante refeições, indivíduos dividem bons momentos com a família e amigos. Refeições de caráter especial, como banquetes, tem seu caráter de sociabilidade ampliado e fornecem o cenário importante para interações sociais.

* Recebido em: 16.06.2012.

Aprovado em: 30.08.2012. Agradecimentos: o projeto interdisciplinar Sambaquis e Paisagem (FAPESP 04/11038-0), coordenado por Paulo DeBlasis, Universidade de São Paulo possibilitou o desenvolvimento das pesquisas em Jaboticabeira II, assim como o apoio financeiro da CAPES (1501-02-0) e da National Science Foundation (SBR-0652177). Dados sobre o sítio Amourins foram disponibilizados pelo projeto Sambaquis: médios, grandes e monumentais, estudo sobre as dimensões dos sítios arqueológicos e seu significado social (Pronex - parceria CNPq/FAPERJE-26/110.569/2010), coordenado por Maria Dulce Gaspar, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Gostaria de agradecer também as equipes que trabalharam em campo nos projetos em Santa Catarina e Rio de Janeiro, Paula Nishida por incentivar a finalização do texto e dois pareceristas anônimos

** Doutora em Antropologia/Arqueologia pela University of Arizona. Pesquisadora colaboradora do Museu Nacional, Rio de Janeiro-UFRJ e do Arizona State Museum-UofA. E-mail: dklokler@email.arizona.edu.

Estudos recentes fazem uso de detalhada análise contextual de padrões de consumo, para diferenciar refeições cotidianas de eventos comunitários. Esse trabalho concentra-se na análise de refeições comunitárias, ou festins, e a presença de indícios da ocorrência desses eventos em sítios arqueológicos, mais especificamente sambaquis.

No sítio Jabuticabeira II (figura 1), a análise faunística de materiais recuperados em áreas com grande número de sepultamentos demonstrou que elas são compostas por concentrações densas de ossos de peixe. A associação de covas, fogueiras e buracos de estaca em lentes compactadas compostas por quantidades substanciais de vestígios de peixes, aliada à ausência de indicadores de habitação e outras atividades cotidianas no sambaqui sugerem a realização de festins funerários.

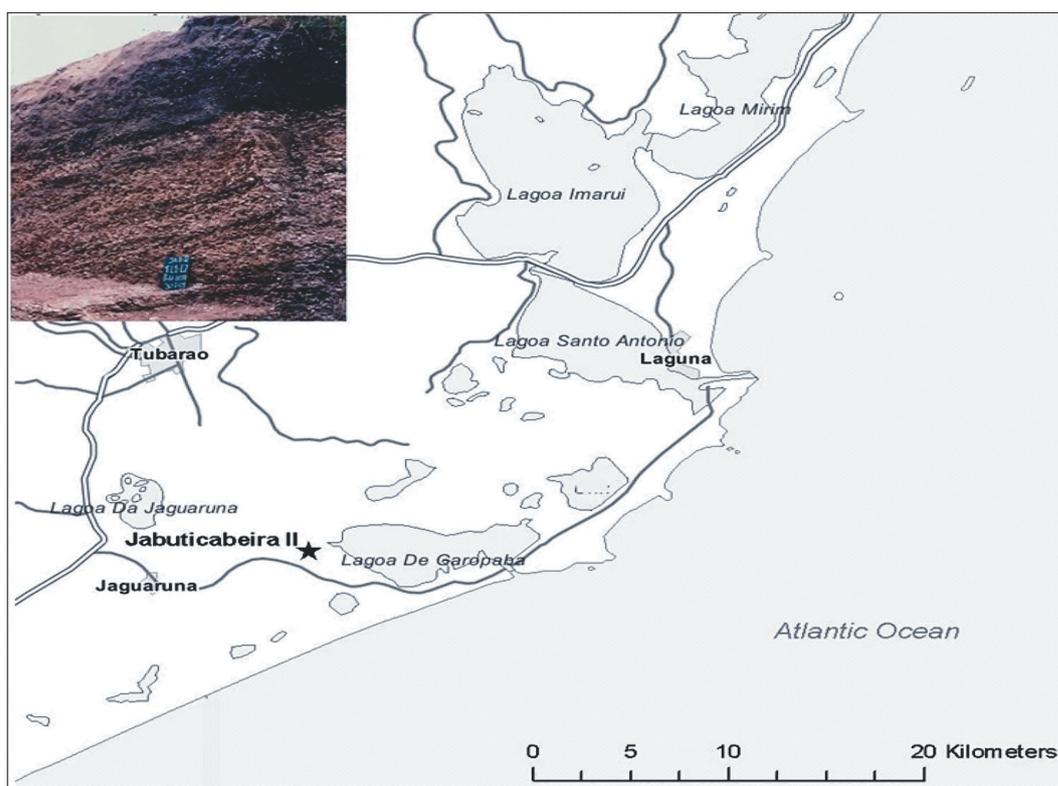


Figura 1: Mapa com localização do sítio Jabuticabeira II e foto de perfil

Compartilhando comida e muito, muito mais

Muitos pesquisadores consideram o compartilhamento de alimento como uma característica definidora de sociedades caçadoras e coletoras (KELLY, 1995; LEE, DEVORE, 1968; WIESSNER, 1996). Em inúmeras sociedades, o ato de dividir alimentos se estende além da família nuclear e engloba outros membros da comunidade. Mauss (1990[1925]) propôs o primeiro estudo inter cultural de comportamento distributivo. Ele afirma que a troca de presentes é o mecanismo de elaboração de contratos sociais. Após a conferência *Man the Hunter*, a divisão de recursos começou a ser entendida como um sistema de redução de risco, para reciprocitar atos de generosidade, e criar dívidas (KELLY, 1995, p.167), além de também aumentar a abrangência da dieta. A distribuição de alimentos, de acordo com Kaplan e Hill (1985) poderia resultar em

“...aumento de atenção social, acesso preferencial a prestigiosas posições políticas, e, ao final, expansão de oportunidades de relacionamentos”.

Há na literatura antropológica grande variedade de definições para festins e autores divergem em relação à categorização desses eventos (FIRTH, 1951; KIRSCH, 1973; RAPAPORT, 1968; ROSMAN, RUBEL, 1971; SAHLINS 1972; SIMONS, 1968; STEVENSON, 1943; WEINER, 1988; WIESSNER, 2001; YOUNG, 1971). Neste trabalho utiliza-se uma definição ampla de festins, que os entende como eventos comunais envolvendo o consumo de comida e/ou bebida de maneira distinta de refeições cotidianas (CLARKE, 2001; DIETLER, HAYDEN, 2001); elementos incluídos na extrema maioria das definições. Pode-se afirmar igualmente que em grande parte dos casos festins têm também, fortes características celebratórias e rituais.

Consumo é aqui entendido largamente em seu significado coloquial ligado a ingestão, porém também considera-se sua importância como “...um sistema de rituais recíprocos que exigem gastos para devidamente sinalizar/marcar uma ocasião, seus convidados e anfitriões, ou a comunidade como um todo” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 1978, p.XXII). Nesse sentido, este estudo está de certa maneira conectado a extensa linha de estudos centrados em consumo com interesse no papel de objetos na constituição de relações sociais (BOURDIEU, 1984; DOUGLAS, SAHLINS 1976).

Banquetes diferenciam-se de refeições cotidianas e incluem não só o consumo comunitário de bebidas e alimentos diversos, mas também troca de idéias (KIPNIS, 2002). Informações sobre disponibilidade e abundância de recursos podem ser compartilhadas durante festins, o que demonstra alguns dos benefícios práticos desses eventos. Esses encontros festivos facilitam a formação de alianças e rede de trocas, ganho de influência - prestígio ou status - ou a indicação da intenção de alcançá-la. A organização e participação em banquetes comunitários proporcionam a possibilidade de formação e manutenção de úteis relações sociais (MAUSS, 1990[1925]). Festins são geralmente elaborados por elites em sociedades hierárquicas com intuito de exibir e redistribuir recursos através de processo formalizado no qual tais elites são legítimas e mantêm ordem social.

Festins englobam um leque diverso de práticas e são considerados por muitos pesquisadores como forma de atividade ritual (DIETLER, 1996; DIETLER, HAYDEN, 2001; POTTER, 2000). Ritual é aqui compreendido como forma de prática social, envolvida diretamente no desenvolvimento das dinâmicas interações sócio-políticas (TURNER, 1969).

É importante ressaltar que ritual não está removido da vida cotidiana, mas situado em constante referência a atividades diárias. Apesar de recorrentemente associado a comportamentos que são considerados diferentes, às vezes, inexplicáveis e necessariamente ligados ao sagrado, devemos salientar que mesmo atividades rotineiras, como o aperto de mãos, a manufatura de artefatos, e deposição de alimentos podem ser atividades carregadas de significado ritual.

Festins se aproximam de seu elemento ritual ao servirem como meio para congregação e mobilização da comunidade (VEGA-CENTENO, 2007), esses eventos atuam muitas vezes como veículos para cimentar ideias de ‘pertencimento’ social e cultural. Por outro lado, banquetes podem também servir como momentos para determinação de posições de controle e status social nas comunidades. Pelos motivos citados festins tem importância central para a compreensão de cultura e sociabilidade em grupos humanos.

Dietler (1996) argumenta que festins são palco ideal para a representação de papéis sociais, e que durante esses eventos há a re-articulação de relações sociais. Para Spielmann (2002) são ocasiões em que comportamentos relacionados à distribuição de recursos, consumo, interação e exibição social podem ser verificados. Até recentemente grande parte dos estudos em arqueologia sobre festins concentrava-se em sociedades complexas, entretanto o avanço das pesquisas demonstra que esse comportamento também pode ser verificado entre sociedades caçadoras-coletoras.

Provavelmente todos os grupos de caçadores-coletores faziam festins e na maior parte dos casos teriam caráter celebratório e religioso (HAYDEN, 1994, p. 231). Hayden (2002) correlaciona o aparecimento de festins entre caçadores-coletores com os simples “banquetes de carne” descritos por Clermont (1980). A captura bem sucedida de um animal apreciado pelo grupo seria considerada uma ocasião especial na qual os homens se reuniam e dividiriam a carne conquistada. A origem de festins, segundo Conkey (1980) remontaria ao Paleolítico superior, porém indicadores mais claros sugerem o início da organização de festins durante o Neolítico, há aproximadamente 7000 anos atrás. Uma série de estudos conecta a organização de festins às origens da agricultura; a geração de excedentes possibilitaria a realização de festins nos quais alguns indivíduos se sobressairiam (*aggrandizers*) criando espaço para a emergência de desigualdade social e política, prestígio e domesticação (HAYDEN, 1990; 2001).

O exemplo de festim mais conhecido e amplamente estudado é o Potlatch, cerimônia realizada por grupos no sul do Alasca, Washington e British Columbia (nos EUA e Canadá). O Potlatch é caracterizado por banquetes com características competitivas em que a exposição e/ou exibição pública e aquisição de privilégios sociais são o objetivo principal. Durante a realização do evento há a transformação de privilégios sociais que conferem status e prestígio aos organizadores (BELL, 1997). Ao aceitar os presentes e consumir a comida oferecida os convidados testemunham e aceitam a reinvidicação do anfitrião de possuir direitos a prestígio social. A organização do evento pode levar vários anos e é extremamente custosa ao anfitrião.

Outro exemplo de banquete que atrai grande interesse de pesquisadores é o Slametan, festim celebrado em várias localidades na Indonésia. Em oposição ao Potlatch, ele não é caracterizado pela extrema competição mas pela expressão de igualdade. A cerimônia reúne toda a comunidade, incluindo espíritos, deuses e mortos e, através do consumo comunal os une com o compromisso de apoio mútuo e integração social (Geertz, 1960, p. 11). Interessantemente, os espíritos também são alimentados através do aroma dos alimentos e dessa forma, pacificados, garantindo assim a ordem entre os vivos.

Os exemplos acima demonstram a variabilidade que esses eventos apresentam etnograficamente. Pesquisadores regularmente distinguem diversos tipos de festim, com base em características como escala, função, periodicidade, localização, menu, tipo de reciprocidade, grau de obrigação, conteúdo simbólico, distância social entre convidados e anfitrião, entre outros (Hayden, 2001, p. 35). De acordo com orientações teóricas ou interesses de pesquisa particulares, pesquisadores podem se debruçar sobre certas características, sejam econômicas, rituais ou ideológicas. Entretanto, os eventos geralmente contêm elementos de vários domínios, sendo tipologias baseadas em tais separações artificiais, apesar de sua utilidade para estudos antropológicos e arqueológicos.

Uma mesma sociedade pode incluir em seu calendário festins para variadas celebrações: nascimento, batizado, casamento, morte, colheita, construção de casas e outros; com grandes variações em escala, função e menu entre outros. Clarke (2001)

lista a organização de pelo menos 16 diferentes tipos de festins pelos grupos Akha, habitantes do Norte da Tailândia. Devido à grande variabilidade desses eventos, Dietler e Hayden (2001) expressam a necessidade de não somente identificar a presença de evidências de festim no registro arqueológico, mas também de tentar compreender suas possíveis funções e significados dentro da sociedade estudada. Dessa maneira ao estudar festins pode-se chegar a informações mais profundas sobre a sociedade.

FESTINS FUNERÁRIOS: ALIMENTANDO MORTOS E VIVOS

A análise de atividades funerárias é importante, pois traz informações sobre comportamentos, ambientes e fatos históricos passados. De acordo com Van Gennep (1960[1909]), rituais funerários são um importante meio para criação e recriação de relações sociais entre os vivos, mas principalmente entre vivos e mortos. A compreensão de que tais atividades são determinadas por vários fatores incluindo organização social (BINFORD, 1971; HAYDEN, 2009), visões de mundo (METCALF; HUNTINGTON, 1991), e crenças (PARKER PEARSON, 1982) dão conta da importância de seu estudo.

O consumo de alimentos como parte de rituais mortuários é comumente descrito por antropólogos. Em geral, festins realizados em associação com o luto envolvem grande quantidade de pessoas e investimento na preparação dos alimentos. Essas práticas realizadas em homenagem aos mortos estão ligadas à negociação de relações entre os vivos e mortos, em um evento entendido como de crise dentro da comunidade. Para Hastorf (2009), é importante ressaltar o caráter desses eventos como forma de ritualizar a dor e também realizar conciliação com os mortos, que se satisfeitos com a oferta de comida poderão reciprocamente. Diferenças entre os itens alimentícios em cardápios de festins auxiliam pesquisadores a construir inferências em relação à identidade, *status*, enfim, o significado de alguns animais em relação ao morto ou anfitriões.

A elaboração de festins foi descrita por pesquisadores entre numerosos grupos da América do Sul, porém o cardápio e as quantidades de comida servida para os convidados têm grande variabilidade. Diversos grupos nativos brasileiros incluem refeições rituais em seus ritos funerários (RIBEIRO, 2002).

Métraux (1949b) descreve festins realizados no mês de outubro em homenagem aos mortos por grupos do Perú e Bolívia, e enquanto o autor centra sua atenção em grupos das montanhas, populações costeiras também elaboravam banquetes similares. Festivais funerários envolvendo comida são realizados por vários grupos no Brasil (BECHER, 1956; LOWIE, 1946; MÉTRAUX, 1946a, 1949b; STEWARD, 1949). Foram encontradas descrições de festins entre grupos Kaingang, Bororo, Tukano, Guaicuru, Shipaya e comunidades caiçaras do Rio de Janeiro entre outros.

Dentre os povos indígenas citados acima, os Kaingang praticam festins e outros ritos funerários de caráter muito similar aos indícios encontrados em sítios do tipo sambaqui e por essas razões são apresentados em maior detalhe¹. Pesquisas etno-históricas descrevem três rituais diferentes para os mortos, um realizado logo após a morte, um segundo após oito dias e um ritual final um ano depois do sepultamento (BECKER, 1999). Os Kaingang habitaram a costa sul brasileira durante o período colonial, e comumente arqueólogos recuperaram vestígios de acampamentos desse grupo no topo de sambaquis. As comunidades, agora vivendo em reservas, modificaram e/ou abandonaram alguns desses rituais.

Os membros do grupo convidam comunidades vizinhas para participar das atividades funerárias (BORBA, 1908). Durante as cerimônias, as mulheres fazem vi-

nho e trazem frutas e outros alimentos tais como milho e abóbora. Todos os convidados consomem a comida perto do morto e erigem uma tumba em formato de montículo com terra/sedimento (MANIZER, 2006). Os montículos eram periodicamente visitados para a manutenção da estrutura (BECKER, 1995). Entre os Kaingang os cemitérios são identificados como casas e entradas para a cidade/vila dos mortos (MANIZER, 2006).

A celebração Kaingang para os mortos, organizada pelos familiares é denominada *Kiki*. Esse festim é realizado pouco tempo após a ocorrência da morte e envolve danças, bebidas e comida (BECKER, 1995; MANIZER, 2006). Além do *Kiki*, o Veingréinyã é outra celebração organizada pelo grupo, que ocorre anualmente em homenagem a todos os mortos. O festival anual ocorria geralmente entre os meses de abril e junho (BALDUS, 1979 [1937]; BECKER, 1995, 1999), ou seja, durante a estação do milho e pinhão (BECKER, 1995). Durante o *Veingréinyã* os montículos são reconstruídos e fogueiras acesas, ao passo que os convidados dançam, cantam e dividem comidas e bebidas (BECKER, 1995; MANIZER, 2006).

Alguns indicadores de festins funerários no registro arqueológico

De que maneira pesquisadores podem distinguir festins funerários em campo ou no laboratório? A mera presença de vestígios alimentícios junto aos mortos não é indício suficiente, já que os mesmos são comumente parte do ritual funerário e podem configurar oferenda aos mortos. Por exemplo, animais inteiros ou partes dos mesmos são geralmente colocados dentro ou perto de covas (BIRD, 1946; CANALS FRAU, 1946; COOPER, 1946a, 1946b; MÉTRAUX, NIMUENDAJÚ, 1946a, 1946b; MURPHY, 1985; RIBEIRO, 2002; SOUSA, 1851). É necessário levar em consideração a presença de indícios de locais de preparação, consumo, e deposição de materiais. A análise de processos de formação dos depósitos aliada a estudos detalhados de artefatos, vestígios faunísticos, e vestígios micro e macro-botânicos, seus contextos espaciais e interações são fundamentais para identificação inequívoca de traços da realização de festins.

Hill (1995) afirma que não é possível diferenciar vestígios de festins de oferendas, pela impossibilidade de se separar rigidamente elementos profanos e sagrados. A maioria dos pesquisadores que trabalham com festins reconhece o aspecto ritual dessas festividades, sendo então a questão mais adequada: quem “consumiu” os alimentos depositados, os vivos ou mortos? E não o aspecto ritual dos mesmos. Hill propõe o uso do conceito de *consumo ritual* para minimizar quaisquer problemas de identificação.

Enquanto a identificação de depósitos de origem ritual pode ser mais acessível no caso de eventos funerários devido a associação entre materiais e sepultamentos, determinar quais evidências indicam a elaboração de festins envolve a interrelação de vários elementos. De importância capital é a análise contextual cuidadosa dos padrões de consumo dos grupos estudados além de análises quantitativas e espaciais da distribuição e associação de padrões específicos de deposição. A combinação da análise de artefatos, estruturas, vestígios faunísticos e botânicos e avaliação do contexto espacial dos mesmos, fornece os elementos necessários para a determinação de depósitos originados por festins. Porém, quais características os pesquisadores devem procurar para tal determinação? Estudos etnográficos e arqueológicos fornecem alguns pontos importantes:

Artefatos

Os estudos sobre festins comumente centram sua atenção na presença de vasilhames cerâmicos. A presença de quantidade mais expressivas de peças para servir alimentos e de caráter exóticos é vista como indicador de banquetes. Vasilhames usados para servir comidas e bebidas nessas ocasiões especiais são em geral mais elaborados, possuem estilos decorativos diferenciados e muitas vezes são importados (ROSENSWIG, 2007; TWISS, 2008). Adicionalmente, os vasilhames utilizados na preparação dos alimentos têm maior tamanho, para dar conta de alimentar grandes quantidades de pessoas (ADAMS, 2004; CLARKE, 2001; DEBOER, 2003; ROSENSWIG, 2007; TWISS, 2008).

No caso de grupos que não faziam uso de cerâmica outras linhas de evidência podem ser utilizadas. Em muitos casos, de maneira similar às cerâmicas, artefatos líticos ou ósseos utilizados no processamento de alimentos podem ser manufaturados em matéria-prima exótica ou com morfologia e decoração diferenciada. Possivelmente alguns tipos de artefatos são feitos e utilizados exclusivamente para os eventos e sua deposição é condicionada a áreas de sepultamento.

Estruturas

Festins, principalmente os de maior escala, como eventos competitivos ou funerários, exigem áreas específicas de preparação com tamanho avantajado para o processamento e cozimento dos itens que serão servidos. Próximas às áreas de preparação fogueiras de grande porte ou maior quantidade de estruturas de combustão também podem estar associadas. Características do conteúdo das fogueiras também podem diferenciá-las de fogueiras de uso cotidiano.

Estruturas de proteção contra vento e chuva também podem ser construídas exclusivamente para o local de preparação da comida para os eventos, assim como locais para estocagem de materiais (HAYDEN, 2001; TWISS, 2008).

Alimentos

- Ítens incluídos no menu. Em geral, os itens alimentícios preferivelmente servidos em banquetes incluem carne de animais de grande porte, ou outros tipos de alimento altamente apreciados pelo grupo, geralmente raros e de difícil obtenção. De acordo com Kent (1989), a raridade da caça implica em maior prestígio para o caçador. Através da caça os indivíduos têm a oportunidade de mostrar a habilidade para todo o grupo portanto a utilização desses animais como parte do menu de festins atrairiam prestígio para o organizador. Por outro lado, Hastorf (2003) argumenta que a visão de que alimentos servidos em festins são necessariamente raros, exóticos, difíceis de conseguir, ou limitados a poucos é uma perspectiva restritiva e centrada na elite. Para a pesquisadora qualquer alimento, servido em cerimônias especiais é passível de ser entendido como altamente apreciado ou como tendo significado simbólico. De maneira geral grandes quantidades de um tipo específico de alimento são características de festins. Em algumas sociedades, porém, uma maior variedade de itens são servidos nessas ocasiões (CLARKE, 2001; TWISS, 2008). No caso de festins funerários o tipo de alimento servido pode ter relação com elementos clânicos ou identificadores de grupo.

- Preparação. Clark e Blake (1994) sugerem que o modo de preparação pode ser indicador importante de festins. Os autores descrevem o uso de recursos que necessitam processamento intenso. De maneira similar estudos etnográficos mencionam o uso de alimentos que requereriam várias etapas de processamento em festins, dessa maneira aumentando o prestígio do anfitrião. Em banquetes em homenagem aos mortos o aumento deliberado de etapas de preparação pode ter ligação com o aspecto ritual do evento.
- Quantidade. Um dos aspectos distintivos de festins é o consumo comunitário de alimentos e por isso a quantidade de refugo é evidência fundamental para caracterização desses eventos. Como de maneira geral festins funerários são os tipos de eventos com maior número de convidados a presença de concentrações de refugo alimentar são indicadores fundamentais. Mesmo com a utilização de alimentos comuns, do dia-a-dia, pesquisadores podem identificar festins através da localização de depósitos com maior número de vestígios de comida (KLOKLER, 2008).

Deposição de refugo

Atividades de festim inevitavelmente produzem grandes quantidades de refugo distintivo no local e sua deposição pode estar associada com estruturas rituais ou em área distinta de locais regulares de deposição de refugo cotidiano (CLARKE, 2001; POTTER, 2000; KLOKLER, 2008; TWISS, 2008). Walker (1995) argumenta que vestígios de eventos rituais passam por diferentes procedimentos para seu descarte, durante os quais os materiais podem ser queimados, quebrados (mortos ritualmente) e depositados em locais diferenciados. Tais áreas de descarte podem ser a mais clara evidência da realização de festins. No caso de festins funerários a deposição dos vestígios de festins próxima a áreas de sepultamento, cobrindo sepulturas ou ao redor dos mortos é comum (CLARKE, 2001; KLOKLER, 2008).

Visibilidade

Festins são eventos naturalmente públicos e, especialmente, com referência a banquetes mortuários a visibilidade é um aspecto importante. Uma das maneiras de garantir a visibilidade após as festas seria com a acumulação de refugo em local visível. Recentes pesquisas indicam a construção de estruturas com vestígios de banquetes sugerindo que tais refugos serviriam como sinalizadores da importância de tais eventos e sua memorialização (KLOKLER, 2008; KLOKLER *et al.*, 2009; LUBY, GRUBER, 1999). Tal diferenciação espacial dos depósitos de refugo ou elaboração arquitetônica são indicadores de consumo diferenciado de grandes quantidade de comida (CLAASSEN, 2010; KLOKLER, 2008; LIGHTFOOT, 1997; LUBY, 2004; RUSSO, HEIDE, 2002; SAUNDERS, RUSSO, 2011).

Em casos de festins com menor elaboração arquitetônica, ou de escalamenor (dentro de contextos domésticos) a detecção fica dificultada porém, a utilização de diversas linhas de evidência pode ajudar na caracterização. O contexto de preparação, ocasião celebrada, deposição de materiais e suas características são alguns dos indicadores que arqueólogos podem fazer uso para identificação de banquetes.

FESTINS FUNERÁRIOS EM SAMBAQUIS

No século XIX autores como Wiener (1876) ressaltaram a natureza mortuária de sambaquis, porém no decorrer do século seguinte uma perspectiva multifuncional desses sítios passou a vigorar entre arqueólogos (GASPAR 2000, 2004; KLOKLER 2001, 2008; VILLAGRÁN *et al.*, 2010). Sambaquis fornecem o ambiente ideal para estudos de padrões de consumo pré-históricos, pois são sítios arqueológicos ricos em vestígios faunísticos. A revitalização recente dos estudos em sambaquis com investigações inovadoras teve como resultado um significativo avanço do conhecimento que tem sobre estes sítios conchíferos. De depósitos de lixo assumiram status de sítios resultantes de específicos episódios de construção (AFONSO, DEBLASIS, 1994; FIGUTI, KLOKLER, 1996; GASPAR, DEBLASIS, 1992; KLOKLER, 2001) e verdadeiros marcos territoriais e indícios de uma paisagem domesticada (DEBLASIS *et al.*, 2007; KLOKLER *et al.*, 2009; VILLAGRÁN, 2010).

Gaspar (1994) define sambaquis como espaço mundano e sagrado onde aspectos cotidianos e rituais dos grupos ocorrem, introduzindo a noção de que é possível identificar nesses sítios traços do comportamento ritual dos sambaquieiros. Trabalhos realizados em Santa Catarina a partir de 1995 caracterizaram o sítio Jabuticabeira II como um cemitério (DEBLASIS *et al.*, 1999, 2007; FISH *et al.*, 2000; KLOKLER, 2001) ampliando ainda mais o interesse em pesquisas que abordam a vida ritual desses povos. A partir de pesquisas em Jabuticabeira II, Fish e colaboradores (2000) argumentam que sambaquis são símbolos de agregação para o grupo e expressam a relação dessas comunidades pesqueiras com o ambiente.

Nos últimos anos pesquisas nos EUA e Brasil têm considerado sítios conchíferos como locais que incorporam festins e refúgio alimentar (CLAASSEN, 2010; GASPAR, KLOKLER, 2011; KLOKLER, 2003, 2008; KLOKLER, VILLAGRÁN, 2010; LIGHTFOOT, 1997; LUBY, 2004; LUBY, GRUBER, 1999; SAUNDERS, RUSSO, 2011). A identificação de depósitos relacionados a festins funerários em contextos arqueológicos depende de análises contextuais e quantitativas detalhadas, porém alguns elementos tem a tendência de serem indicadores de depósitos ligados a festins em sambaquis. Estes incluem a presença de áreas com alta concentração de vestígios faunísticos em áreas associadas a sepultamentos, abundância de elementos de uma espécie ou família específica, e presença de tratamento dissimilar de vestígios encontrados em concentrações, como queima diferencial. Entretanto os pontos destacados não são exaustivos e diferenças regionais e temporais devem ser constantemente consideradas. No caso de Jabuticabeira II, primeiro sambaqui onde festins funerários foram inequivocamente identificados, pode-se descrever a elaboração do evento da seguinte forma:

CELEBRANDO (COM) OS MORTOS: O SÍTIO JABUTICABEIRA II

Jabuticabeira II, localizado na costa sul de Santa Catarina (figura 1) é um grande sambaqui com volume estimado em 320.000 metros cúbicos (DEBLASIS *et al.*, 1999; GASPAR *et al.*, 2010). Este sítio foi objeto de multitude de estudos nas últimas décadas graças a elaboração de um projeto multidisciplinar de pesquisa (coordenado por Paulo DeBlasis) que confirmou seu uso exclusivo como cemitério por grupos costeiros por aproximadamente mil anos (entre 2500 e 1400 a.P.) (KLOKLER,

2008). A reconstituição preliminar exposta a seguir é baseada principalmente em estudos faunísticos elaborados pela autora (KLOKLER, 2001; 2008) complementados por pesquisas em antracologia, bioarqueologia, micromorfologia, zooarqueologia, entre outros (BIANCHINI *et al.*, 2007; DEBLASIS *et al.*, 1999, 2004; GASPAR, 2000, 2004; NISHIDA, 2007; OKUMURA, EGGERS, 2005; SCHEEL-YBERT *et al.*, 2003; VILLAGRAN, 2008).

O planejamento e organização dos ritos funerários realizados em Jabuticabeira II demandavam período antecipado de preparo e provavelmente envolviam o esforço organizado do grupo. Tal planejamento deveria incluir a coordenação de atividades para obtenção dos recursos básicos para o festim como pesca, coleta de moluscos e madeira, a preparação do morto, o aviso a membros mais distantes do grupo sobre as homenagens mortuárias, além de outras ações necessárias para a realização dos eventos.

A área de enterramento era estabelecida de antemão pelo grupo associado ao morto e preparada no topo aplainado de um montículo de conchas (que na maioria das vezes já cobre uma área de sepultamento anterior). Uma vez estabelecidas, as áreas de sepultamento como regra recebiam vários enterramentos, incluindo sepultamentos duplos. O corpo do morto era então preparado, adornado e depositado no local escolhido. Cabe destacar que ao invés de covas escavadas, os indivíduos eram depositados preferencialmente em decúbito lateral fletido em depressões muito rasas.

A escolha de peixes como item principal dos banquetes provavelmente garantia o aporte de quantidades massivas de carne, assegurando ao anfitrião uma fonte de proteínas confiável e facilmente acessível. As espécies de peixe utilizadas nos banquetes em Jabuticabeira II – corvinas (*Micropogonias furnieri*) e bagres (*Genidens barbatus* e *Genidens genidens*) - poderiam ser encontradas facilmente na paleolaguna localizada na proximidade do sítio. Os recursos mais utilizados provêm de ambientes estuarinos, conhecidos por serem áreas com maior grau de riqueza e produtividade em recursos. Porém não se deve descartar motivos alheios à esfera econômica que fariam parte do processo de seleção do menu. A pesca executada de maneira cooperativa aumentaria sobremaneira a produtividade da atividade o que é enfatizado pela quantidade de carne de peixe estimada a partir da presença de ossos recuperados nas camadas funerárias (Tabela 1). Para ilustrar a possível quantidade de alimento disponível, se considerarmos a área 2.25.11 (Figura 2) que tem o menor valor de biomassa por metro cúbico, com tamanho estimado de 27m (comprimento) X 5m (largura) X 0,10m (espessura) e calcularmos o volume total de refúgio depositado teríamos como total mais de um tonelada de carne de peixe disponível para os convidados.

A captura de peixes para os festins funerários provavelmente ocorreu na paleolaguna vizinha sem emprego de técnicas especiais de pesca de espécimes de grande porte. A maioria dos peixes utilizados para os festins era de tamanho pequeno, o que indica a utilização de redes. Aparentemente não havia seleção de espécies exóticas para o cardápio dos banquetes já que não foi detectada diferença entre os peixes depositados junto aos mortos e nas camadas de cobertura (de conchas).

Os peixes eram assados ou defumados inteiros visto que elementos pertencentes ao esqueleto inteiro foram encontrados no sítio e à ausência de marcas de corte nos ossos. A ausência de fogueiras de grande porte, necessárias para preparar o alto volume de material sugere que o cozimento foi feito em local próximo do próprio Jabuticabeira II ou em outro sambaqui. Entretanto, a recuperação de grandes quantidades de carvão nas áreas de sepultamentos sugere que o festim provavelmente foi preparado perto do sítio.

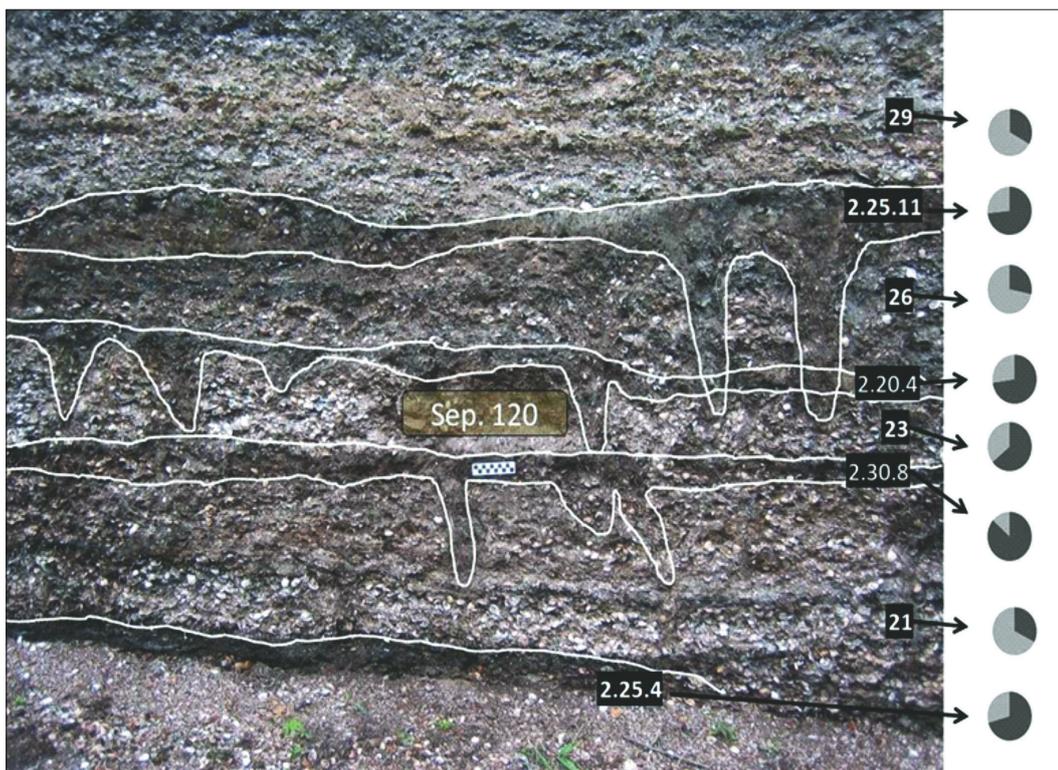


Figura 2: Representação do perfil (*Locus2*)

Da mesma forma, os banquetes provavelmente foram realizados em espaço contíguo ao sítio, fora da área monticular já que análise da fragmentação das conchas indica que pisoteamento foi mínimo dentro de Jabuticabeira II. A porcentagem de ossos carbonizados aumenta consideravelmente nas lentes escuras, evidenciando um processamento diferente dos peixes para os banquetes (KLOKLER, 2008; KLOKLER *et al.*, 2010). Após a celebração os vestígios do banquete foram termicamente alterados antes de sua deposição final nas áreas de sepultamento. A queima do material associado à grande quantidade de matéria orgânica fez com que a camada que contém enterramentos seja enegrecida (como consequência facilitando sua identificação por arqueólogos). Esse tratamento distinto do refugio dos festins reforça sua característica ritual.

A deposição de vestígios alimentares ao redor e acima de sepultamentos ao invés de área isolada destaca a característica ritual imbuída a estes vestígios e a íntima conexão do povo sambaqueiro com o ambiente aquático. Após a acumulação e cobertura dos corpos fogueiras foram acesas. Essas encontram-se em proximidade das covas: adjacente, e imediatamente acima, e em muitos casos foram repetidamente acesas. Características como: tamanho, composição, quantidade de cinzas, e presença de sucessão de episódios de combustão sugerem que tais estruturas são fogueiras rituais sem função ligada ao cozimento dos alimentos servidos durante o festim.

Tabela 1: Valores de biomassa calculados a partir da conversão do peso de ossos recuperados multiplicado por 20, conforme apresentado por Figuti (1992, 1993)

Área funerária	Kg por metro cúbico
L 1	469
1.15.1	746
1.15.5	223
1.15.6	160
1.15.9	137
2.15.13	529
2.25.11	89
2.20.4	113
2.30.8	203
2.25.4	190
2.10.2	92

Vizinhas às fogueiras e covas foram identificadas concentrações de buracos de estacas. Apesar da dificuldade em identificar padrões precisos na ordenação das cavidades é possível perceber que estacas circundavam covas, fogueiras e em certos casos grupos de covas (Figura 3). O uso de estacas, postes e alguma estrutura associada poderiam garantir a proteção das covas e/ou das áreas funerárias até o ritual ser finalizado e o espaço fechado e coberto com conchas.



Figura 3: Visão da área funerária 2.15.13

Fogueiras e as estruturas associadas às estacas aumentavam a visibilidade das atividades fúnebres. A utilização de madeiras aromáticas (BIANCHINI et al., 2007) acrescentariam mais um elemento na experiência sensorial do ritual (KLOK-

LER, 2008; KLOKLER *et al.*, 2009). Madeira para cozimento e para fogueiras rituais foi coletada na região vizinha, juntamente com material para postes e estacas. Estudos indicam que o material para combustão incluía preferencialmente madeiras já mortas e sementes de butiá (SCHEEL-YBERT *et al.*, 2003). Algumas estacas foram provavelmente coletadas em uma área mais extensa, talvez em região mais elevada (BIANCHINI *et al.*, 2007).

Em Jabuticabeira II, foram também recuperados esqueletos articulados de peixes na região das covas, sugerindo que alguns espécimes foram utilizados como oferenda. Porém esses não são os únicos vertebrados envolvidos nas cerimônias realizadas em Jabuticabeira II; mamíferos e aves foram depositados em associação as covas, e deveriam ter significado simbólico. Como os últimos foram raramente recuperados nas camadas conchíferas de cobertura isso indica que esses animais foram caçados especialmente para os eventos funerários. Não é possível afirmar categoricamente se foram consumidos durante os festins ou se serviram somente como oferendas alimentícias aos mortos. Entretanto o estado de integridade dos ossos, a falta de marcas de corte ou queima parece indicar que partes de tais animais foram depositadas como oferendas, sem ser consumidas durante os festins. Ou talvez tais animais fossem destinados ao “consumo” exclusivo dos mortos.

É importante notar que somente partes de animais são depositadas como oferendas, com a exceção dos peixes, que aparentemente estão inteiros. Análises futuras pretendem identificar a existência de padrões na escolha de certas partes como preferenciais para o acompanhamento de sepultamentos e a associação com certos indivíduos. Até o momento não foi possível determinar uma clara associação entre espécies de animais e sexo e/ou idade dos indivíduos. Por outro lado, existem indivíduos que foram contemplados com maior quantidade e variedade de oferendas animais.

Eventualmente, o uso da área funerária foi considerado finalizado. A partir de então quantidades massivas de conchas, foram depositadas acima da área em múltiplos episódios formando espessas camadas com aspecto monticular. A matéria-prima para esses depósitos poderia ter sido acumulada a partir do consumo de moluscos em outros sítios e mais tarde, após o final do ritual funerário, trazidos para o sítio. Ou, os moluscos poderiam ser coletados exclusivamente para sinalizar o final do ritual e cobrir as áreas com sepultamentos.

Finas lentes escuras encontradas em meio às camadas conchíferas de cobertura possivelmente correspondem à refeições especiais preparadas durante a acumulação das conchas e depositadas durante as atividades. Outra possibilidade é que tais lentes seriam evidência de pequenos banquetes ocorridos no final do período de luto ou episódios posteriores de memorialização dos mortos

O estudo dos vestígios faunísticos presentes nas camadas de festim confirma a interpretação de Hastorf (2003), de que em banquetes o alimento servido não necessariamente precisa ser qualitativamente superior ao que é consumido diariamente, e sim o contexto da celebração e a quantidade servida são os pontos diferenciais de tais refeições. A análise confirmou o alto consumo de peixes, especialmente bagres e corvinas, além de miraguaias (*Pogonias cromis*), sargos-de-dente (*Archosargus probatocephalus*) e pescadas (*Cynoscion* sp), com consumo moderado de moluscos, como berbigões (*Anomalocardia brasiliana*) e mariscos (*Brachidontes* sp, *Tagelus plebeius*) durante os banquetes funerários.

A análise isotópica de 14 indivíduos de diferentes regiões do sítio demonstra que o grupo possuiu uma dieta quase que exclusivamente baseada em alimentos advindos do mar. Valores dos isótopos de carbono e nitrogênio sugerem continuidade na utilização de peixes de níveis tróficos médio a alto e até mesmo consumo de mamíferos marinhos, valores que não condizem com a composição faunística do sítio, dominada por peixes de níveis tróficos baixo e médio e moluscos. Análises previamente publicadas por De Masi (1999) em sítios da região de Florianópolis já sugeriam uma dieta baseada em peixes com pequeno aporte de moluscos.

Comparando valores de nitrogênio de Jabuticabeira II com valores obtidos de amostras de grupos costeiros de Portugal, Newfoundland, Sul da Califórnia e Florianópolis (Tabela 2) revela-se que os sepultamentos de Jabuticabeira têm valores similares aos de grupos de Newfoundland. Esses grupos tinham dieta baseada em peixes de nível trófico alto ou mamíferos marinhos, comprovada por estudos etnológicos e arqueológicos.

Tabela 2: Valores médios de isótopos de nitrogênio de sítios costeiros

Local	Quantidade de amostras	15N	Referências
Mesolítico de Portugal	11	12.15±1.70	LUBELL et al., 1994
Newfoundland	30	19.72±1.17	JELSMA, 2000
Sul da Califórnia	7	14.93±1.34	WALKER AND DENIRO, 1986
Região de Florianópolis	18	15.84±1.68	DE MASI, 1999
Sítio Jabuticabeira II	14	17.98±1.64	KLOKLER, 2008

Aparentemente corvinas e bagres podem ter sido utilizados principalmente para eventos rituais, talvez pela facilidade de captura em grandes quantidades. O processamento diferencial e deposição fora do sítio de elasmobrânquios (tubarões e raias) e outros peixes de nível trófico alto poderiam limitar sua representação nas amostras. Situação similar explicaria a rara ocorrência de ossos de mamíferos marinhos. Estudos em sambaquis ao norte e ao sul de Jabuticabeira II atestam para o uso desses animais por grupos costeiros (Castilho, 2005, 2008; Rosa, 2006).

Os resultados mostram o uso de alimentos em festins que todos os membros da comunidade poderiam fornecer ou capturar, uma indicação que tais eventos não seriam baseados em comportamento competitivo, mas sim envolveriam elementos de solidariedade e reciprocidade (Hayden, 2001; Perodie, 2001). Os festins funerários em Jabuticabeira II teriam como objetivo a diminuição de diferenças entre os participantes com o uso de recursos de fácil acesso. Os festins seriam eventos de integração, promovendo apoio e cooperação no grupo, momentos de criação e/ou manutenção de alianças. Festins serviriam para reforçar solidariedade na comunidade ao agrupar grupos vizinhos em ocasiões importantes, no caso momentos de crise, quando da morte de um membro. Festins poderiam ser entendidos como momentos de equilíbrio social e espiritual para essas comunidades costeiras. Não excluindo, porém, a possibilidade de que os anfitriões adquirissem certo prestígio dentro do grupo pela organização de tais eventos e sua visibilidade, e os utilizassem para angariar informações ou reafirmar alianças.

Refeições não se restringem ao que comemos para nosso sustento no dia-a-dia. Durante as refeições, sociedades frequentemente compartilham bons momentos com a família e amigos além de interagir com outras pessoas. A arqueologia por muitos anos concentrou-se em entender aspectos considerados fundamentais para sobrevivência como dieta (quantidade de energia consumida, calorias), deixando em segundo plano elementos simbólicos, essenciais para experiência humana. Festins fornecem o cenário ideal para interações sociais dentro da comunidade, sendo assim ao estudar esses eventos pesquisadores podem fazer inferências mais robustas sobre as sociedades passadas.

O estudo do material faunístico do sambaqui Jabuticabeira II demonstra que os usos cotidianos e rituais de animais estavam interconectados e dificilmente podem ser separados. Os materiais faunísticos do sítio foram interpretados como sendo resultantes do refugo de banquetes funerários depositados durante rituais. Os festins analisados envolveram recursos aos quais todos os membros da comunidade poderiam ter acesso, destacando que essas atividades rituais reforçavam a coesão social e solidariedade para o grupo (KLOKLER, 2008). A apresentação de oferendas de comida e repetição banquetes com ancestrais provavelmente serviram para unificar a comunidade em momentos importantes, além de proporcionar o palco ideal para a feitura, manutenção, ou reforço de alianças. Possivelmente tais cerimônias, pela sua dimensão também incluíram outras comunidades da região ampliando sua importância e alcance.

Grupos da região enterraram seus mortos, fizeram festins, celebraram seus ancestrais, e finalmente depositaram conchas, simultaneamente aumentando o volume e altura do montículo (KLOKLER, 2001, 2008; KLOKLER *et al.*, 2009) até que o mesmo alcançasse mais de 320.000 metros cúbicos em tamanho. Com a formação de montículo com proporções monumentais, esse passa não só a ser um elemento da paisagem, como também a modifica, demarcando a fonte de recursos e o local de domínio desses grupos. O sítio foi continuamente usado para a memorialização dos mortos e provavelmente funcionou como um “outdoor” a divulgar o uso do território pelo grupo, o direito a certos recursos, e os feitos de seus membros.

Os indícios levantados em Jabuticabeira II oferecem novas perspectivas para o estudo da vida ritual dos sambaquieiros e o avanço de estudos em sítios conchíferos nos estados do Rio de Janeiro (GASPAR; KLOKLER, 2010) e São Paulo (PLENS, 2008) fornecem mais oportunidades para explorar a importância de festins em sociedades passadas.

RITUAL CONSUMPTION, CONSUMPTION DURING THE RITUAL: FUNERARY FEASTING E SAMBAQUIS

Abstract: this article presents recent advances about archaeological research on feasts, its social aspects and explores with some detail evidence of these events in sambaquis. Contextual and faunal data recovered from the Jabuticabeira II site, a locale used for ritual feasts in honor of the dead, are presented. Analyses of deposits linked to feasts suggest the use of fish as the main element served during the events. The construction of this sambaqui occurred simultaneously and as the result of funerary rituals repeated by generations.

Nota

- 1 Não há intenção de estabelecer uma continuidade cultural entre esse grupo e sambaquieiros, mas apenas apresentar similaridades entre os rituais desses grupos e a profundidade temporal de certas práticas mortuárias.

Referências

- ADAMS, R.L. An ethnoarchaeological study of feasting in Sulawesi, Indonesia.: *Journal of Anthropological Archaeology*, v. 23, p. 56–78, 2004.
- BALDUS, H. *Ensaio de Etnologia Brasileira*. Brasília: Nacional, 1979 [1937].
- BECKER, Ítala. O índio kaingang no Rio Grande do Sul. *Pesquisas*, série Antropologia, v. 29, 1995.
- BECKER, Ítala *O índio kaingang do Paraná: subsídios para uma etno-história*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 1999.
- BELL, Catherine. *Ritual perspectives and dimensions*, New York: Oxford University Press, 1997
- BIANCHINI, Gina; SCHEEL-YBERT, Rita; GASPAR, Maria Dulce. Estaca de Lauracea em Contexto Funerário (Sítio Jabuticabeira II, Santa Catarina, Brasil). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 17, p. 223-229, 2007.
- BINFORD, Lewis. Mortuary Practices: Their Study and Their Potential. In: BROWN, J. A. *Approaches to the Social Dimensions of Mortuary Practices. Memoirs of the Society for American Archaeology*, p. 58-67, 1971.
- BIRD, Junius. The Alacaluf. In: STEWARD, Julian. *Handbook of South American Indians*. Washington D.C.: Smithsonian Institute, 1946. p. 55-79.
- BORBA, Telemaco. *Atualidade indígena*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908.
- BOURDIEU, Paul. *Distinction*. London: Routledge, 1984.
- CANALS FRAU, Salvador. The Huarpe. In: STEWARD, Julian. *Handbook of South American Indians*. Washington D.C.: Smithsonian Institute, 1946. p. 169-176.
- CARR, Christopher. Mortuary Practices: Their Social, Philosophical-Religious, Circumstantial, and Physical Determinants. *Journal of Archaeological Method and Theory*, v.2, n.2, p. 105-200, 1995.
- CASTILHO, Pedro Volkmer. *Mamíferos marinhos: um recurso de populações humanas pré-coloniais do litoral catarinense*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.
- CASTILHO, Pedro Volkmer. Utilization of cetaceans in shell mounds from the Southern coast of Brazil. *Quaternary International*, v.180, n.1, p.107-114, 2008.
- CLAASSEN, Cheryl. A Consideration of the Social Organization of the Shell Mound Archaic. In: SASSAMAN, K.; ANDERSON, D. *Archaeology of the Mid-Holocene Southeast*, Gainesville: University of Florida Press, 1996. p. 235-258.
- CLAASSEN, CHERYL. *Feasting with Shellfish in the Southern Ohio Valley: Archaic Sacred Sites and Rituals*. Knoxville: University of Tennessee Press, 2010.

CLARK, John; MICHAEL Blake. The Power of Prestige: Competitive Generosity and the Emergence of Rank Societies in Lowland Mesoamerica. In: BRUMFIEL, Elizabeth; FOX, John. *Factional Competition and Political Development in the New World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.p 17-30.

CLARKE, M.J. Akha feasting: An ethnoarchaeological perspective. In: DIETLER, M.; HAYDEN B. *Feasts: Archaeological and Ethnographic Perspectives on Food, Politics and Power*. Washington, D.C.:Smithsonian Institution Press, 2001.p. 144-167.

CONKEY, M.J. The identification of prehistoric hunter-gatherer aggregation sites: the case of Altimira. *Current Anthropology*, v.21, p. 609-630, 1980.

COOPER, John M. The Chono. In: STEWARD, Julian H. *Handbook of South American Indians*. Washington, D.C., v. 1, p.47-54, 1946a.

COOPER, JOHN M. The Patagonian and Pampean Hunters. In: STEWARD, Julian H. *Handbook of South American Indians*, Washington D.C., v 1, p.127-168, 1946b.

DEBLASIS, Paulo; FISH, Suzanne; GASPAR, Maria Dulce; FISH, Paul. Some References for the Discussion of Complexity among the Sambaqui Moundbuilders from the Southern Shores of Brasil. *Revista de Arqueologia Americana*, São Paulo, v.15, p. 75-105, 1998.

DEBLASIS, Paulo A.D. *et al.* Projeto Arqueológico Camacho (Padrões de Assentamento e Formação de Sambaquis em Santa Catarina). As Campanhas de 1998 e 1999. *Relatório para FAPESP*, São Paulo, 1999.

DEBLASIS, Paulo *et al.* Projeto Arqueológico do Camacho, Processos Formativos nos Sambaquis de Camacho, SC: Padrões Funerários e Atividades Cotidianas. *Relatório para FAPESP (98/8114-3)*, São Paulo, 2004.

DEBLASIS, Paulo *et al.* Sambaquis e paisagem: dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul de Santa Catarina. *Revista de Arqueologia Sul-Americana*, São Paulo, v.1, n.3, p. 29-61, 2007.

DEBOER, W.R. Ceramic assemblage variability in the Formative of Ecuador and Peru. In: RAYMOND, J.S.; BURGER, R.L. *Archaeology of Formative Ecuador*. Washington D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, 2003. p. 289-336.

DIETLER, Michael. Feasts and Commensal Politics in the Political Economy: Food, Power and Status in Prehistoric Europe. In: WIESSNER, Polly; SCHIEFENHOVEL, Wulf. *Food and the Status Quest: an Interdisciplinary perspective*. Oxford: Berghahn Books, p. 87-126, 1996.

DIETLER, Michael ; BRIAN, Hayden. Digesting the Feast: Good to Eat, Good to Drink, Good to Think: An Introduction. In: DIETLER, Michael; HAYDEN, Brian. *Feasts: Archaeological and Ethnographic Perspectives on Food, Politics, and Power*. Washington D.C.: Smithsonian Institution Press, p. 1-22, 2001.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. *The World of Goods*. London: Lane, 1978

FIGUTI, Levy. *Les sambaquis COSIPA (4200 a 1200 ans BP): Etude de la Subsistance chez les Peuples Préhistoriques de Pecheurs-Ramasseurs de Bivalves de la Cote Centrale de l'Etat de São Paulo, Bresil*. Tese (Doutorado) - Museum National d'Histoire Naturelle, Institut de Paleontologie Humaine, Paris, 1992.

FIGUTI, Levy. O homem pré-histórico, o molusco e o sambaqui: considerações sobre a subsistência dos povos sambaquianos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 3, p.67-80, 1993.

- FIRTH, R. *Elementsof Social Organization*. London: Watts, 1951
- FISH, Suzanne; DEBLASIS, Paulo; GASPAR, Maria Dulc.; FISH, Paul. Eventos Incrementais na Construção de Sambaquis, Litoral Sul do Estado de Santa Catarina. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v.10, p.69-87, 2000.
- GASPAR, Maria Dulce. Espaço, ritos funerários e identidade pré-histórica. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, v.8, n. 2, p. 221-231, 1994.
- GASPAR, Maria Dulce. *Sambaqui: Arqueologia do Litoral Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2000.
- GASPAR, Maria Dulce. Cultura: comunicação, arte, oralidade na pré-história do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 14, p.153-168, 2004.
- GASPAR, Maria Dulce et al. Uma breve história do projeto de pesquisa padrão de assentamento e formação de sambaquis: arqueologia e preservação em Santa Catarina. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, v.23, n. 29, p. 131-141, 1999.
- GASPAR, Maria Dulce; DEBLASIS, Paulo. Construção de Sambaqui. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, *Anais...* Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 811-820, 1992.
- GASPAR, Maria Dulce et al. Padrão de assentamento e formação de sambaquis: arqueologia e preservação em Santa Catarina. *Revista de Arqueologia do Iphan*, v.1, p.57-62, 2002.
- GASPAR, Maria Dulce; KLOKLER, Daniela. Time to Die, Time to Eat: Ritual in Shell Mounds. Apresentação no 69º Encontro Anual da SAA em Montreal, 2004.
- GEERTZ, Clifford. *The religion of java*. Illinois: Glencoe, 1960.
- HASTORF, Christine A. Andean luxury foods: special food for the ancestors, the deities and the elite. *Antiquity*, v. 77, p. 545-554, 2003.
- HAYDEN, Brian. Fabulous Feasts. A Prolegomenon to the Importance of Feasting. In: DIETLER, Michael; HAYDEN, Brian. *Feasts: archaeological and ethnographic perspectives on food, politics, and power*. Washington D.C.: Smithsonian Institution Press, 2001. p. 23-64.
- HAYDEN, Brian. Funerals as feasts: why are they so important? *Cambridge Archaeological Journal*, v. 19, n. 1, p. 29-52, 2009.
- HILL, J.D. *Ritual and Rubbish in the Iron Age of Wessex: a study on the formation of a specific archaeological record*. Oxford: Tempus Reparatum, 1995.
- HILL, Erica. The Contextual Analysis of Animal Interments and Ritual Practice in Southwestern North America. *Kiva*, v.65, n. 4, p. 361-398, 2000.
- KAPLAN, H. E HILL, K. Food sharing among Ache foragers: Test of explanatory hypotheses. *Current Anthropology*, Chicago, v. 26, n. 2, p.223-246, 1985.
- KELLY, R.L. *The Foraging Spectrum: Diversity in Hunter-Gatherer Lifeways*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press, 1995.
- KIPNIS, Renato. Long Term Land Tenure Systems in Central Brazil. In: FITZHUGH, B.; HABU, J. *Beyond Foraging and Collecting: evolutionary change in hunter-gatherer*

- settlement systems. New York: Kluwer, p.181-230, 2002,
- KIRSCH, A. Feasting and Social Oscillation: A Working Paper on Religion and Society in Upland Southeast Asia. New York: Ithaca, 1973. (Data Paper Series, n. 92).
- KLOKLER, D. *Construindo ou Deixando um Sambaqui? Análise de Sedimentos. Região de Laguna – SC*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- KLOKLER, Daniela. Vida ritual dos sambaquieiros. Apresentação na XII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, São Paulo, 2003.
- KLOKLER, Daniela. *Food for Body and Soul: Mortuary Ritual in Shell Mounds*. Tese (Doutorado) – University of Arizona, Tucson, 2008.
- KLOKLER, Daniela; GASPAR, Maria Dulce; DEBLASIS, Paulo. Cemitérios e/ou Palcos: Sambaquis e o Teatro da Morte. Apresentação na XV Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Belém, 2009.
- KLOKLER, Daniela; VILLAGRAN, Ximena; GIANINNI, P.; PEIXOTO, S.; DEBLASIS, Paulo. Juntos na Costa: Zooarqueologia e Geoarqueologia de Sambaquis do Litoral Sul Catarinense. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 20, p. 53-76, 2010.
- LEE, R.B.; I. DEVORE (Eds). *Man the hunter*. Aldine: Chicago, 1968.
- LIGHTFOOT, Kent. Cultural Construction of Coastal Landscapes: A Middle Holocene Perspective from San Francisco Bay. In: ERLANDSON, Jon; GLASSOW, Michael. *Archaeology of the California Coast during the Middle Holocene*. Los Angeles: University of California, 1997.
- LUBY, Edward M. Shell Mounds and Mortuary Behavior in the San Francisco Bay Area. *North American Archaeologist*, v. 25, p. 1-33, 2004.
- LUBY, Edward M.; GRUBER, M.F. The Dead Must be Fed: Symbolic Meanings of the Shellmounds of the San Francisco Bay Area. *Cambridge Archaeological Journal*, Cambridge, v. 9, n.1, p.95-108, 1999.
- MABILDE, P. *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação coroadó*. São Paulo: IBRASA, 1836.
- MANIZER, Henrich H. *Os Kaingang de São Paulo*. Campinas: Curt Nimuendaju, 2006.
- METCALF, Peter; HUNTINGTON, Richard. *Celebrations of Death: the anthropology of mortuary ritual*. New York: Cambridge University Press, 1991.
- MÉTRAUX, Alfred; NIMUENDAJÚ, Curt. The Mashacalí, Patashó, and Malalí Linguistic Families. In: STEWARD, Julian H. *Handbook of South American Indians*. Washington D.C.: Smithsonian Institute, v. 1, p.541-546, 1946a.
- MÉTRAUX, Alfred; NIMUENDAJÚ, Curt. The Camacan Linguistic Families. In: STEWARD, Julian H. *Handbook of South American Indians*. Washington D.C.: Smithsonian Institute, v.1, p.547-552, 1946b.
- MURPHY, Y. *Women of the forest*. New York: Columbia University Press, 1985.
- OKUMURA, M.; EGGERS S. The People of Jabuticabeira II: Reconstruction of the Way of Life in a Brazilian Shellmound. *Homo*, v. 55, p. 263-281, 2005.

PARKER PEARSON, Michael. Mortuary Practices, Society and Ideology: an Ethnoarchaeological Study. In Hodder, Ian. *Symbolic and Structural Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. p. 99-113.

PARKER PEARSON, Michael. *The Archaeology of Death and Burial*. University Press: Texas A&M, 2000.

PERODIE, James R. Feasting for Prosperity: A Study of Southern Northwest Coast Feasting. In: DIETLER, Michael; HAYDEN, Brian. *Feasts: Archaeological and Ethnographic Perspectives on Food, Politics, and Power*. Washington: Smithsonian Institution Press, 2001. p. 185-214.

PETRONILHO, C. C.; EGGERS, S. Crescimento e nutrição em populações pré-históricas: o exemplo dos sambaquis. In: XI CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, *Resumos...*, Rio de Janeiro, p. 167, 2001.

PLENS, Claudia R. *Sítio Moraes, uma biografia não autorizada: análise do processo de formação de um sambaqui fluvial*. Tese (Doutorado) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2007.

POTTER, James. Pots, Parties, and Politics: Communal Feasting in the American Southwest. *American Antiquity*, v. 65, n. 3, p. 471-492, 2000.

RAPPAPORT, R. *Pigs for the Ancestors*. New Haven: Yale University Press, 1968.

RIBEIRO, Liliane B. *Limpendo ossos e expulsando mortos: estudo comparativo de rituais funerários em culturas indígenas brasileiras através de uma revisão bibliográfica*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

ROSA, Andre O. A importância dos mariscos na subsistência de antigos grupos indígenas no litoral central. Sítios RS-LC-81, 86, 87, 90, 92 e 96. *Pesquisas*, v.63, p. 259-288, 2006.

ROSENSWIG, Robert. Beyond identifying elites: feasting as a means to understand early middle formative society on the pacific coast of Mexico. *Journal of Anthropological Archaeology*, v. 26, p.1-27, 2007.

ROSMAN, A.; Rubel P. *Feasting with mine enemy*. Prospect Heights: Waveland Press, 1971.

RUSSO, M. Why we don't believe in archaic ceremonial mounds and why we should: the case from Florida. *Southeastern Archaeology*, v. 13, p. 93-109, 1994.

RUSSO, M.; GREGORY, H. The Joseph Reed Shell Ring. *The Florida Anthropologist*, v. 55, n.2, p. 67-87, 2002.

SAHLINS, Marshall. *Stone age economics*. Chicago: University of Chicago Press, 1972.

SAHLINS, Marshall. *Culture and practical reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1976.

SAUNDERS, R ; RUSSO M. Coastal shell middens in Florida: a view from the archaic period. *Quaternary International*, v. 239, p. 38-50, 2011.

SCHEEL-YBERT, Rita et al. Novas perspectivas na reconstituição do modo de vida dos sambaquieiros: uma abordagem multidisciplinar. *Revista de Arqueologia SAB*, v.16, p. 109-137, 2003.

SEEMAN, Mark. Feasting with the Dead: Ohio Hopewell Charnel House Ritual as a Context for Redistribution. In: BROSE, D. S.; GREBER, N. *Hopewell Archaeology: the Chillicothe Conference*. Kent: Kent State University, 1979. p. 39-46.

SIMOONS, F. A. *Ceremonial Ox*. Madison: University of Wisconsin Press, 1968.

SOUSA, Gabriel S. Descriptive Treatise on Brazil in 1587. *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, p. 94-347, 1851.

SPIELMANN, Katherine. Feasting, Craft Specialization, and the Ritual Mode of Production in Small-Scale Societies. *American Anthropologist*, v. 104, n. 1, p. 195-207, 2002.

STEVENSON, H. *The Economics of the Central Chin Tribes*. Bombay: Times India Press, 1943.

STEWART, J. H. South American Cultures: An Interpretative Summary. In: STEWARD, Julian H. *Handbook of South American Indians*. Washington D.C.: Smithsonian Institute, v. 5, 1949. p. 669-767.

TURNER, V. W. *The ritual process: structure and anti-structure*. New York: Albine de Gruyter, 1969.

TWISS, Kathryn C. Transformations in an early agricultural society: feasting in the southern Levantine pre-pottery Neolithic. *Journal of Anthropological Archaeology*, v. 27, p. 418-442, 2008.

VAN GENNEP, Arnold. *The rites of passage*. Chicago: University of Chicago Press, 1960 [1909].

VEGA-CENTENO, Rafael. Construction, labor organization, and feasting during the Late Archaic Period in the Central Andes. *Journal of Anthropological Archaeology*, v. 26, p. 150-171, 2007.

VILLAGRÁN, Ximena. *Análise de Arqueofácies na Camada Preta do Sambaqui Jabuticabeira II*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

VILLAGRAN, Ximena. *Estratigrafias que falam: geoarqueologia de um sambaqui monumental*. São Paulo: Annablume, 2010.

VILLAGRÁN, Ximena et al. Lecturas Estratigráficas: Depositación de Residuos y Arquitectura Funeraria en el Sambaquí Jabuticabeira II. *Latin American Antiquity*, v. 21, p. 195-216, 2010.

WEINER, A. *The trobrianders of papua new guinea*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1988.

WIENER, Carlos. Estudos sobre os sambaquis do sul do Brasil. *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, v. 1, p. 3-20, 1876.

WIESSNER, P. Leveling the hunter: constraints on the status quest in foraging societies. In: WIESSNER, Polly; SCHIEFENHOVEL, W. *Food and the Status Quest: an Interdisciplinary perspective*. Oxford: Berghahn Books, 1996. p. 171-192.

WIESSNER, P. Of feasting and value: Enga feasts in a historical perspective (Papua New Guinea). In: DIETLER, Michael; HAYDEN, Brian. *Feasts: archaeological and ethnographic perspectives on food, politics, and power*. Washington: Smithsonian

Institution Press, 2001,p. 115-113.

YOUNG, M. *Fighting with food*. Cambridge: Cambridge University Press,1971.